



Baldio

de quarentena

Publicação do Programa Artes Híbridas, da PROCULT-UFCA, a Baldio chega em sua sexta edição. Edição extraordinária, como estão extraordinários os tempos. O indicativo dos cientistas e da maior parte dos governantes é de ficar em casa, de se isolar o máximo possível para não propagar o vírus. Deste modo, em casa, de casa, para casa: a Baldio de quarentena.

Nesta edição teremos quatro seções. A primeira, O novo normal. Quando a gente ainda não sabe muito bem sobre o nosso tempo, por vício, tenta falar de si a partir de inaugurações. Isso é papel para quem virá depois, mas a gente pode arriscar... Portanto, a motivação aqui foi trazer temas e reflexões produzidas no período da quarentena. Os textos debatem modos de encarar a pandemia ou reflexões que surgiram em diálogo com este tenso e 'diferente' momento.

A segunda seção, Perfis Híbridos, é uma proposta de conhecer melhor homens e mulheres que transitam em universos plurais e tocam a sensibilidade em direções multiplicadas. Híbridizaram suas atuações, deram voltas de existência e transitam no campo da arte e da cultura. Contaremos com a presença de Socorro Bruno, professora e artesã.

Em todas as edições da Baldio de quarentena teremos a Residência. Lugar de resguardo de artistas e daqueles e daquelas que arriscam visuais sob olhares plurais. O ensaio ficou por conta da fotógrafa gaúcha Rochelle Costi. As imagens fazem parte do ensaio Quartos-São Paulo, de 1998. Uma série de quartos, para observação, sem pessoas, apenas seus rastros de atividade, arrumação e ocupação. São marcas do humano como báscula de ausência-presença.

Por fim, Babilônia. Uma seção especial de indicações, dicas e truques para sobreviver culturalmente ao isolamento. As sugestões se alternam pelas diversos formatos e linguagens artísticas...

Boa leitura a todas e todos!

Ricardo Salmito



1 *O NOVO NORMAL* 04

2 *PERFIS HÍBRIDOS* 12

3 *RESIDÊNCIA* 17

4 *BABILÔNIA* 25



O NOVO NORMAL

Ressignificação na era digital	04
Reclusão carcerária na reclusão social	07
Da Solidão e outros isolamentos	10

1 | RESSIGNIFICAÇÃO NA ERA DIGITAL

Theresa Feitosa

O Instagram registrou um aumento de 70% na produção de Lives depois do início da quarentena.

Não é mais novidade que as mídias sociais potencializaram a comunicação, seja através das inovações das redes sociais, plataformas cada vez mais velozes e completas e inúmeras possibilidades progressivamente mais próximas do que seria o normal (o real). O surgimento desse cenário digital ratifica cada vez mais nossa necessidade de comunicação, a partir do momento em que consideramos os objetivos desse recurso facilitador da nossa sociabilidade. Não obstante, as redes sociais passaram a ser uma necessidade constante e uma das responsáveis por uma mudança cultural e comportamental cotidiana.

Esses artifícios sociais, baseados em sistemas digitais, mesmo com todas as demais justificativas acerca de suas intenções, ainda tem como pilar principal a comunicação, desde assuntos triviais ao acesso de informações de cunho político-social, artístico, filosófico e científico. Entretanto, nem tudo são flores, simultâneo a todo esse amparo virtual, infelizmente conseguimos perceber mais uma vez com muita clareza a linha da desigualdade social.

Enquanto muitos não têm acesso a esses recursos digitais, outros prosperam.

Hoje, diante desse cenário de pandemia, causada pelo surgimento da Covid-19, a funcionalidade digital não poderia ser diferente, estamos caminhando cada vez mais em uma direção de dependência do uso das redes sociais e tudo que ela nos proporciona, dependência essa que não necessariamente está vinculada ao direito de escolha do consumidor, ativo, nesse sistema digital. Profissionais e estudantes de diversas áreas tentam cada vez mais reverter o cenário de isolamento social e criar novos hábitos através das redes de comunicação buscando resgatar a oralidade e se adaptarem ao “novo normal”.

Deveras, as mídias digitais adquiriram mais fama neste momento e, como iniciativa de manter esses laços durante esse período de confinamento elas passam por um processo de resignificação através das frequentes divulgações de vídeos, post, áudios. Dentre essas ações, antes já regulares no mundo digital, surge o incessante recurso do bate-papo ao vivo, em outras palavras, as famosas “lives”. As “lives” tornaram-se uma grande aliada nesse período de isolamento social, considerando-a como uma das formas de resgate do contato “full time” e transmitir

conhecimento.

É notório o crescimento da auto promoção profissional e marketing digital após o isolamento social e, sem dúvidas, as lives vem sendo um dos principais meios para o fim desse anonimato. Não só enquanto maneira de auxiliar essa autopromoção, as “lives” além de um refúgio para muitos tornou-se ferramenta pedagógica e meio de promoção de conteúdo artístico. Professores, estudantes e profissionais estão usufruindo cada vez mais do mecanismo das “lives” e vídeo conferências.

Posto isso, em busca de validar o discurso supracitado, chamo atenção para depoimentos de profissionais de áreas distintas, porém unidos, convidados a dialogar, através de uma transmissão ao vivo realizada pela plataforma Instagram acerca da mesma temática: Projetos através das redes sociais e a utilidade da mídia digital durante o período de reclusão social.

Nesse ínterim, a entrevista com o Jornalista, Fotógrafo e experenciador Joedson Kelvin, concedida pelo Instagram, datada de 31 de Maio de 2020, ele relata seus projetos profissionais através das mídias digitais e faz considerações acerca do fluxo de lives e usuários durante o período de pandemia.

Essa questão das “Lives” no começo eu achei uma super estratégia mercadológica, mesmo, porque são inúmeros artistas que tiveram shows cancelados, tiveram suas programações do ano inteiro de água abaixo e aí, fizeram da Live uma estratégia de continuar no auge, continuar ali chegando às pessoas, mostrando seus conteúdos, mostrando sua arte, né? Principalmente o pessoal da música, mas ao mesmo tempo, Eu acho muito... Eu posso estar errado, mas eu acho muito uma camarotização do universo show, sabe? Pra quem é “a” show, pra quem é “o” show, né? [...] Dois pesos e duas medidas também, porque de um lado é uma visão mercadológica, uma visão de tá se aproximando de tal público, mas por outro lado, essas lives, esses movimentos online não são pra todo mundo. Enfim, nossa sociedade é muito desigual e, se shows públicos mesmo pra além da internet tinham um público “x” de quem vai ficar no camarote, quem vai ficar lá atrás e quem não vai ficar de jeito nenhum, Eu acho que as “lives” acontecem do mesmo jeito.

Vemos então que o entrevistado reitera o discurso de desigualdade social sobredito utilizando-se de analogias referentes a um público privilegiado seja ele externo do âmbito digital ou não. Ele exemplifica o quão hierárquico é esse pensamento mercadológico antes do cenário de pandemia e agora com muito mais ênfase com o fluxo de lives e usuários.

Tal como seus malefícios, Joedson Kelvin também cita os benefícios desses artifícios e defende a ideia de não pensarmos às redes sociais como vilãs da situação, assim ele pede para que pensemos nesses recursos como oportunidades, oportunidades essas de se autopromover, trabalhar e comunicar-se, mas claro, nunca ignorando as desigualdades e o senso crítico quanto a esses privilégios.

Na entrevista a seguir, falas da Trompetista, Professora e Freelancer, Evelin Borges. Evelin Borges é a fundadora da página “Trompetistas Brasileiras”, página essa que vem repercutindo cada vez mais no mundo trompetístico nacional e internacional. Sua proposta tem como finalidade unir e apresentar mulheres trompetistas, o que desde então vem adquirindo muito sucesso.

Nesse período de quarentena, a página “Trompetistas Brasileiras” está promovendo uma série de lives chamada: Diálogos. Essa série, além de contar com perfis nacionais, também conta com a participação de trompetistas internacionais, a fim de favorecer o reconhecimento do trabalho dessas mulheres, fortificar cada vez mais os laços entre elas e romper com os estigmas de uma sociedade ignorante para com a figura feminina e trompetista.

Na entrevista concedida pela plataforma Instagram, datada no dia 01 de Junho de 2020, Evelin relata sobre seus trabalhos utilizando as redes sociais e os benefícios de ter espaços como esses para divulgação do seu trabalho.

Olha, no meu trabalho artístico é fundamental, super fundamental, porque principalmente quando você escolhe música, acho que não faz sentido, você fazer música só em quatro paredes. Você tem que interagir, você tem que... Porque se você faz uma arte, a ideia, Eu acho, né, que deve ser assim? É você fazer com que essa arte chegue em outras pessoas, né? E fora que o papel da arte no ser humano, ela desencadeia diversos benefícios, então quando eu estou tocando com meu trompete na minha rede social, eu não estou só ali mostrando o trompete, eu estou passando uma mensagem que tá muito ligada também a minha essência e, minha maneira de como eu penso o mundo, coisas, sabe? Positivas? Então eu acho que é muito importante pro músico e, pra mim assim, né? Tô falando na minha opinião, as redes sociais, porque não só isso, mas muitos trabalhos que eu faço assim como freelancer, nossa, vem assim do Instagram. [...] Benefícios eu acredito que sejam inúmeros, né? Como essa questão do trabalho pra mim é tipo assim, como é que vou dizer? Benefício zero, um. É a questão assim do alavancamento do meu trabalho, então eu acho que esse é o benefício número um, né? [...]

Inferimos então o quão imprescindível é o cenário proporcionado pelas mídias digitais, principalmente tratando-se da comunidade artística, desde uma nova oportunidade de empregos com quem lida com uma estética visual a uma chance de divulgar seus trabalhos em diversas alas artísticas.

Ao longo da entrevista, Evelin também cita o impacto da promoção de conteúdo que o fluxo de lives vem causando na vida profissional das trompetistas brasileiras e que desde então tem passado diversos perfis profissionais, desde mulheres que trabalham com lutheria, musicoterapia, performance, Música Popular Brasileira, Educação Musical entre outros. Além disso ressalta também que foi a partir dos benefícios das redes sociais que enfim conseguiu sair do anonimato musical.

Logo então percebemos que as redes sociais ganharam um grande espaço desde seu surgimento, a partir do momento em que ela nos beneficia com esse amparo virtual e nos torna protagonistas da própria vida (perfil) o que diante dessa perspectiva de pandemia não foi diferente. Porém nada de novo sobre o sol, tendo em vista que o futuro é digital.

Digo: o presente.

1 RECLUSÃO CARCERÁRIA NA RECLUSÃO SOCIAL

YAGO PONTES

Discutir o sistema prisional não é uma tarefa fácil, tampouco é uma das mais agradáveis. Historicamente, o tema do encarceramento é uma discussão complexa que busca sempre medir e sobrepesar os direitos da sociedade, o dever punitivo e os direitos do então encarcerado.

E esse tripé, diferentemente do modelo de sustentação tido como mais equilibrado, aqui não o é. Historicamente, os modelos de punição foram variando desde atos severos, como o famoso “olho por olho, dente por dente”, até entramos na realidade atual do modelo de privação de liberdade.

Em comparação, de fato uma evolução muito mais humana se comparado a perda de um membro, mas ainda assim, ajustes foram sendo feitos ao longo do processo de implantação, especialmente ao se falar em Direitos Humanos.

Angela Davies em 2003 antecipou essa discussão ao dialogar sobre o atual sistema prisional e as fundações que o ergueram. Seu estudo envolvendo a

população carcerária dos estados unidos é bem delimitado pela relação quase hedionda entre a segurança dos demais e a liberdade dos apenados. A realidade então se distorce entre esse véu prisional. Presos e sociedade vivem realidades paralelas dentro de um mesmo contexto social, e que é agravado por essa propulsão eterna por mais segurança.

Com esse ideal, o pensamento de um desencarceramento soa como uma ofensa terrível. A manutenção então de um espaço criado e moldado na violência – ou alguém acredita de verdade no poder de ressocialização que essas instituições deveriam ter? – vai se fortalecer dentro desses parâmetros de poder.

Como então realmente acreditar em reparação acima da punição? Corta para 2020, grande pandemia se alastra e a necessidade de confinamento e isolamento social se mostra como a solução mais hábil para conter o avanço do vírus da COVID-19.

Esta solução impacta diretamente no modelo de encarceramento, e ajuda a escancarar os problemas que são vistos diariamente nas notícias: População carcerária excessiva, espaços minúsculos, aglomerações e uma série de escalonamentos que afetam o preso.

Surge então o debate de como proceder com este grupo no momento da quarentena. Estar diante de um estado que minimiza os esforços e ignora a situação dos presos, é o mesmo que conceder uma pena de morte por omissão.

A maior divergência vem pela hipótese de concessão de prisão domiciliar ao núcleo, que por parte do elenco político que está no poder, é uma situação inadmissível e uma afronta à combatida segurança nacional.

O então Ministro da Justiça, Sérgio Moro, declarou que “O corona vírus não pode ser usado como subterfúgio para soltar qualquer criminoso. Criminosos perigosos ou responsáveis por crimes graves, de qualquer natureza, devem ser mantidos presos” e complementou afirmando que “Não podemos enfrentar junto com a epidemia do corona vírus uma crise na segurança pública. É preciso, com todo o respeito, que os magistrados examinem os casos individuais e limitem as solturas a

necessidades demonstradas”.

Justo Sr. Moro, mas a que ponto podemos relacionar um fato que exige normalidade e ponderação, em um momento que prevalece o imponderável e a urgência? Em artigo do site Ponte, essa situação ainda e potencializado em virtude da subnotificação. Em 8 de abril ocorreu a primeira confirmação de COVID-19 em presídio no Pará. Seguiu-se com a segunda confirmação no Ceará, e hoje os números já não podem ser medidos com precisão exatamente por conta dessa impossibilidade de contabilidade.

O ciclo então fica evidente. Por que pensar a vida em segmentos?

Voltando a Angela Davies, a percepção de um complexo prisional envolve muito mais que a simples visão de controle de liberdade. Afinal, uma das medidas de redução de pena consiste no trabalho diário e terceirizado, com um pagamento raso de salário, a impossibilidade de realização de greves, demissão ou escassez de mão de obra.

1 RECLUSÃO CARCERÁRIA NA RECLUSÃO SOCIAL

A falência desse sistema, e a adoção de uma visão mais humana, em respeito aos direitos básicos do ser humano – que se diga de passagem, o Brasil é signatário de inúmeras convenções – é uma afronta a toda uma engrenagem moldada pelo sistema capitalista.

Com a realidade desse “novo normal”, estamos sendo confrontados pra valer com a forma que, enquanto sociedade, moldamos os nossos padrões e valores éticos e morais.

Em uma situação como esta, não deveríamos estar olhando de forma mais incisiva a saúde?

Some-se a isso aos dados do Monitor da Violência, de que hoje, embora tenha ocorrido uma redução, a população carcerária composta por presos provisórios é de 31%.

Ou seja, praticamente 1/3 da população carcerária está presa de forma indevida, por tempo excessivo, e além do mais, dentro desta porcentagem se

encontram pessoas efetivamente inocentes que aguardam julgamento. O que contribui também para o problema da superlotação, que reflete diretamente na ausência adequada de isolamento que se necessita durante esta pandemia.

Mas por que essa ótica, sob o olhar vigente da extrema direita no Brasil, ecoa o mantra do “se está preso, é bandido”? A Angela Davies respondeu logo acima.

Em entrevista, o advogado Ivan Júnior comentou a situação da superlotação e a situação prisional com a pandemia:

“A questão é que nesse momento de pandemia não há medidas exatas ou corretas, mas tão somente experimentos de sobrevivência, na tentativa desesperada de frear o contágio absurdo desse vírus. Claro que atualmente estão mantidas as visitas de urgência e o contato dos detentos com seus causídicos, mas de forma bem mais restrita e cautelosa.”

“

1/3 da
população
carcerária está
presa de forma
indevida

”

1 | A RECLUSÃO CARCERÁRIA NA RECLUSÃO SOCIAL

Ele ainda completa ao falar sobre a atuação das entidades nacionais e regionais no enfrentamento do COVID-19:

“O DEPEN-Departamento Penitenciário Nacional- lançou uma série de medidas para tentar evitar a disseminação do COVID nas populações carcerárias, como a distribuição em massa de insumos de saúde necessários para o combate a pandemia, como máscaras, luvas e álcool em gel e também a instituição de um Grupo de trabalho destinado a desenvolver protocolos de atuação preventiva, conforme a portaria Gab-Depen nº 135 que foi publicada. E há também uma atenção especial da OAB-CE para a questão dos detentos nesta época de pandemia, procurando sempre preservar a dignidade mínima dessa população carcerária.

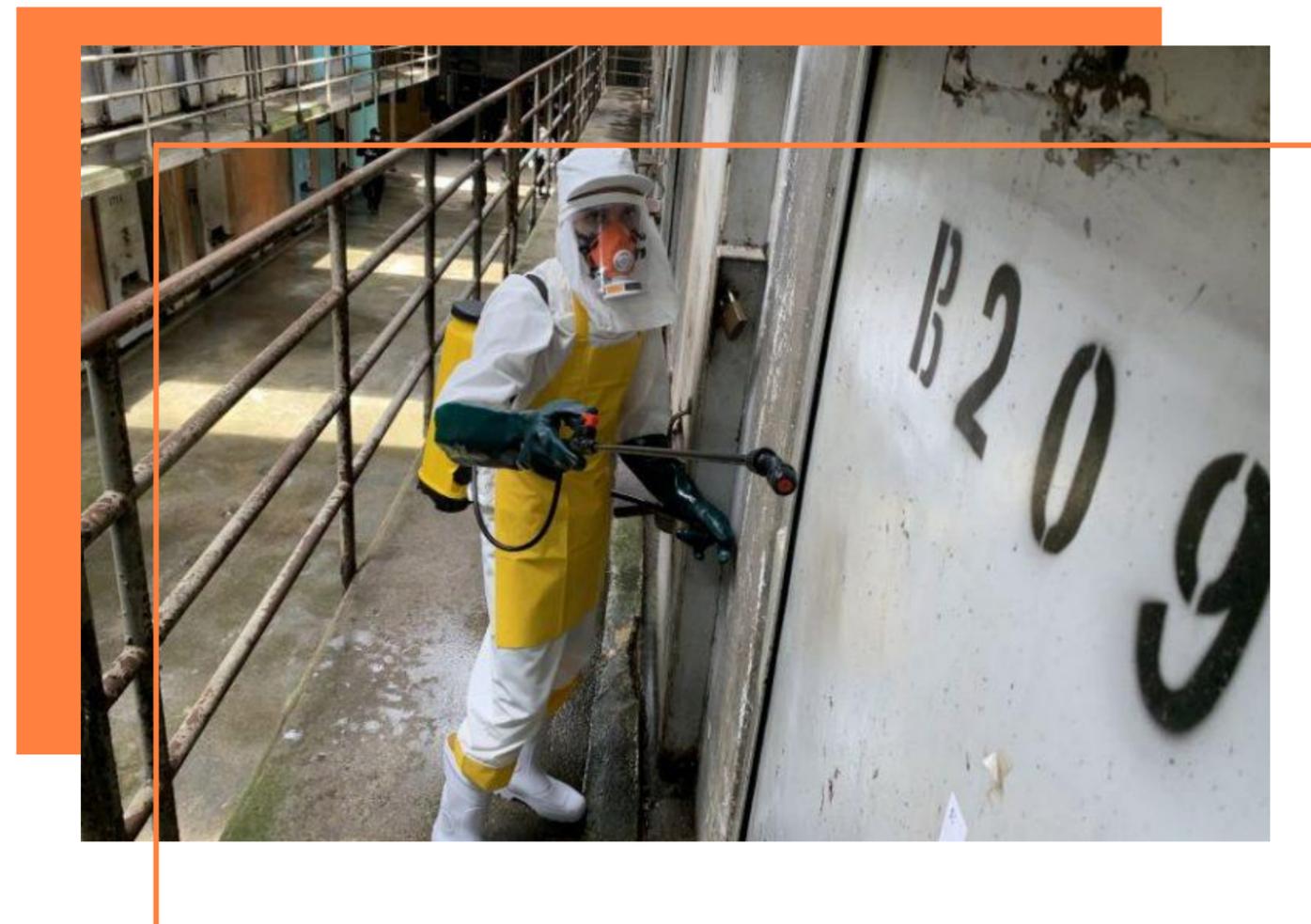
”O que se observa é um esforço mínimo para o controle e trato com os presos, especialmente pela falta de coordenação entre governos nacional e estadual.

Mas neste momento será isto

suficiente? A resposta está na ponta da língua ao dizermos não.

Fundamentalmente, pensar o modelo carcerário e as implicações sociais passa por uma revitalização da cultura coletiva. Chega a ser irônico a necessidade de se descentralizar do pensamento de isolamento/distanciamento social, em um âmbito de classes, no momento atual.

A questão prisional envolve raça, cor, classe e muitos mais segmentos delimitados ao longo de uma era humanitária, que estão sendo escancarados na ausência de empatia no ápice de uma pandemia.



Reproduzido do site da câmara dos deputados.

1 DA SOLIDÃO E OUTROS ISOLAMENTOS

RICARDO SALMITO

Fragilizado pelo conjunto de intervenções, depois de mais de uma semana de UTI, meu pai, sob o infortúnio da proximidade de leito com uma paciente em AVC hemorrágico, que testou positivamente para o Corona vírus, teve que ir, sob recuperação, ainda que ileso de vírus, para um quarto da ala ‘suspeita’ no segundo andar do hospital. Ele não estava com a COVID19, mas teria que cumprir o protocolo. Eu era o acompanhante a encontrá-lo.

Para mim, -depois de longo período de isolamento, lavando tudo e radicalizando o álcool em gel, sem visitas ou serviços dentro de casa, evitando comida de fora, excluindo a roupa de qualquer possibilidade de contato e outras alterações de cotidiano, - estar em um hospital significava a imediata promiscuidade com o indesejado. O vírus, são e forte, venceria agora qualquer atitude minha. Estar ali já era a derrota de tudo o que eu tinha planejado.

No local combinado para receber o meu pai, havia uma porta larga com informações de risco, normativa de não ultrapassar e a necessidade exclusiva de máscaras do modelo N95. A minha não era; porém portava, por garantia, um *face shield*. Achei que resolveria. Fiquei parado alguns instantes, de mochila nas costas e mala no chão. Nesses minutos, desviei do meu objetivo, de afeições e cuidados mais imediatos e procurei narrar, para mim mesmo, alguma estratégia de sobrevivência. Tenso, sem saber como receberia o meu pai, como e por quanto tempo seria o restante dos dias no hospital. Também não daria para saber como a vida se investiria de uma regulação espiritual e contínua para transitar as demandas. Teria que ser forte por ele e por mim, como meu pai sempre fez. Agora, meu turno.

Na véspera tinha estado, em resguardo de dois metros, com minha filha. Lembrei dela para voltar a acionar o conceito de urgência e entender, por definitivo, a função que se destina às operações entre pais e filhos. Queria tê-la agora, de contato, nem que visual, para poder mapear sua iminência de fala e seu questionamento sobre as coisas que formaram sorrisos imediatos e memória de longo curso. Seria fundamental sua proximidade, para me ajudar a ser pai, para me ajudar a ser filho.

Reparo a mala aos meus pés e tento controlar a estimativa das estratégias plurais de desinfecção. Ainda sob esse efeito alienado, abstraindo o que realmente vim fazer neste lugar, olho o elevador e surge o meu pai, na maca, com uma equipe do hospital. Arremeti o sorriso, fazendo festa de gestos e sons, depois de tanto tempo. Ele segurou a minha mão com força, para me ajudar, e cruzamos a porta.

....

A solidão é um território sem palavra. É fechamento do instante num lugar sem camadas. Não há propagação. Se a gente não cuida, a mobilidade restrita a um quarto, a uma ideia ou a uma cidade vai se normalizando e percorrendo tudo em recuo. Persistir, por detalhes, pode autorizar um mínimo de segurança para ter internalizada a dimensão da luta. A insistência é sempre pela avareza, latente ou manifesta, das motivações primeiras, do processo mais infantil e, portanto, mais definitivo de gente.

O precário da comunicação que possa se estabelecer em estado de isolamento revela,

por mediação, o silêncio absoluto das horas. São horas mais secas. Mesmo para quem já tem costume e intenção de solidão, existe aquele gatilho emergencial que é acionado quando o ensimesmamento não resolve tudo e se vai para a rua chutar uma bola, jogar conversa fora, fazer compras ou beber uma cerveja...

Durante a pandemia, o hospital, a casa, a morada qualquer de referência refazem espacialização do mundo e reposicionam o desejo. Sempre por pouco, em delicadeza subterrânea, para, por fim, se entender que qualquer muita coisa não é nada. Estar só, em si mesmo, no limite das questões, é o desencontro permanente. O risco de viver é não localizar as fronteiras. É testemunhar, cabisbaixo, os paradoxos do regime de ação para sobreviver.

...

Em Paul Valéry, “existe uma dor segunda que causa a dor e que é da inutilidade dessa dissipação”. Angústia difícil de evanescer, porque não se é feliz preso, nem se é feliz solto, nem morto. Apenas não se é feliz. O drama está em dar-se conta de que não há alcance da felicidade nem hoje nem nunca, mas a peleja, através do caráter trágico dessa busca.

Atualmente pela doença do Corona vírus, embarcamos num loop domiciliar, cujas bordas se articulam por conta de um mal silencioso e invisível.

1 | DA SOLIDÃO E OUTROS ISOLAMENTOS

Não por um homem ou um bicho grandes, estrangeiros e ameaçadores, mas encarnado, apenas num sujeito comum, sem rg definido, sem culpa, sem maldade aparente: um vizinho, conhecido ou desconhecido, apenas vivente e, por suspeita, portador possível dessa nova peste.

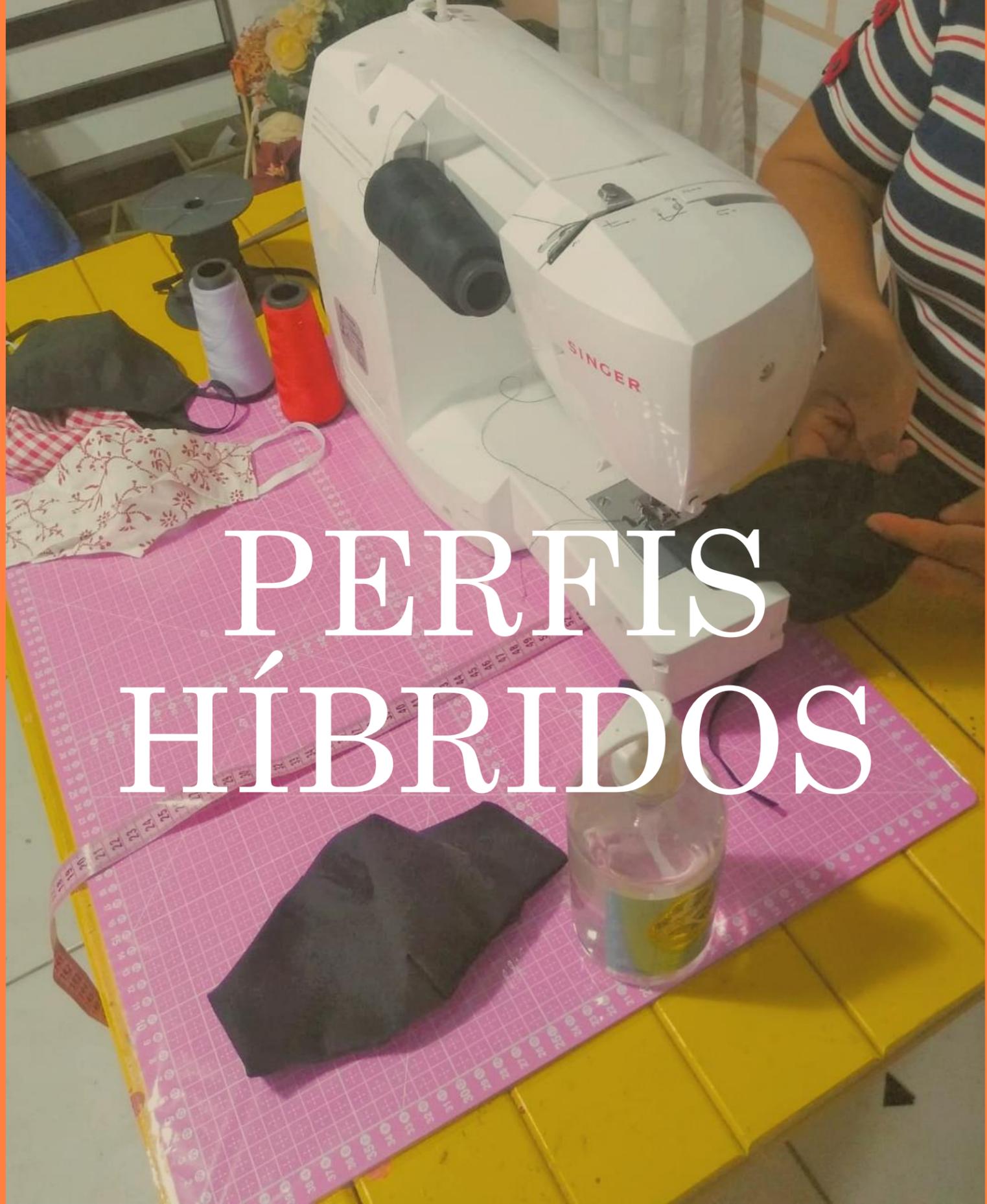
A desconfiança do outro, a overdose da vigilância e de assepsia, que já vinham de vento em popa nesta tardo-modernidade, seguem radicalmente fortalecidas. Por conta da contaminação viral e do decorrente colapso do sistema de saúde foi exigido o distanciamento social. E toda distância, mesmo que seja por motivos dignos e bem-intencionados, é imperfeita, pois a diminuição ou eliminação do contato como solução, sempre é perigosa.

O risco maior é se perder a linha divisória entre a sustentação dos cuidados sanitários e a própria vida comum, tornadas aprofundadas as estratégias e os devaneios de anti-cidade, que desde sempre, aqui acolá, estiveram batendo à nossa porta. Às vezes mais, às vezes menos, sob motivações variadas por terras, cor da pele ou motivos socioeconômicos, dentre outras cismas.

As tecnologias de mediação podem minimizar as restrições e implodir o isolamento por dentro. Mais asséptica e segura que o encontro substancial de pele, suor e lágrimas, a rede de conexão vem segurando os afetos em dia e cumprido algum papel de encontro. É o que temos e o que tem nos salvado...

Como conquistamos a convivência de palmo e toque, voltar atrás é retrocesso civilizatório. E ao final do dia ou da idade, a solidão é, por maioria, uma prova; uma espécie de testagem de limites do afeto e do que se conseguiu de longo curso. Um, dois, três, tantos, passou. Meu pai voltou para casa!

Quanto ao vírus, resta torcer por um feminino que desarme a nós todos e nos direcione para a poesia que puder recolocar os corpos em sol e chuva.



PERFIS HÍBRIDOS

Socorro Bruno

POR YAGO PONTES

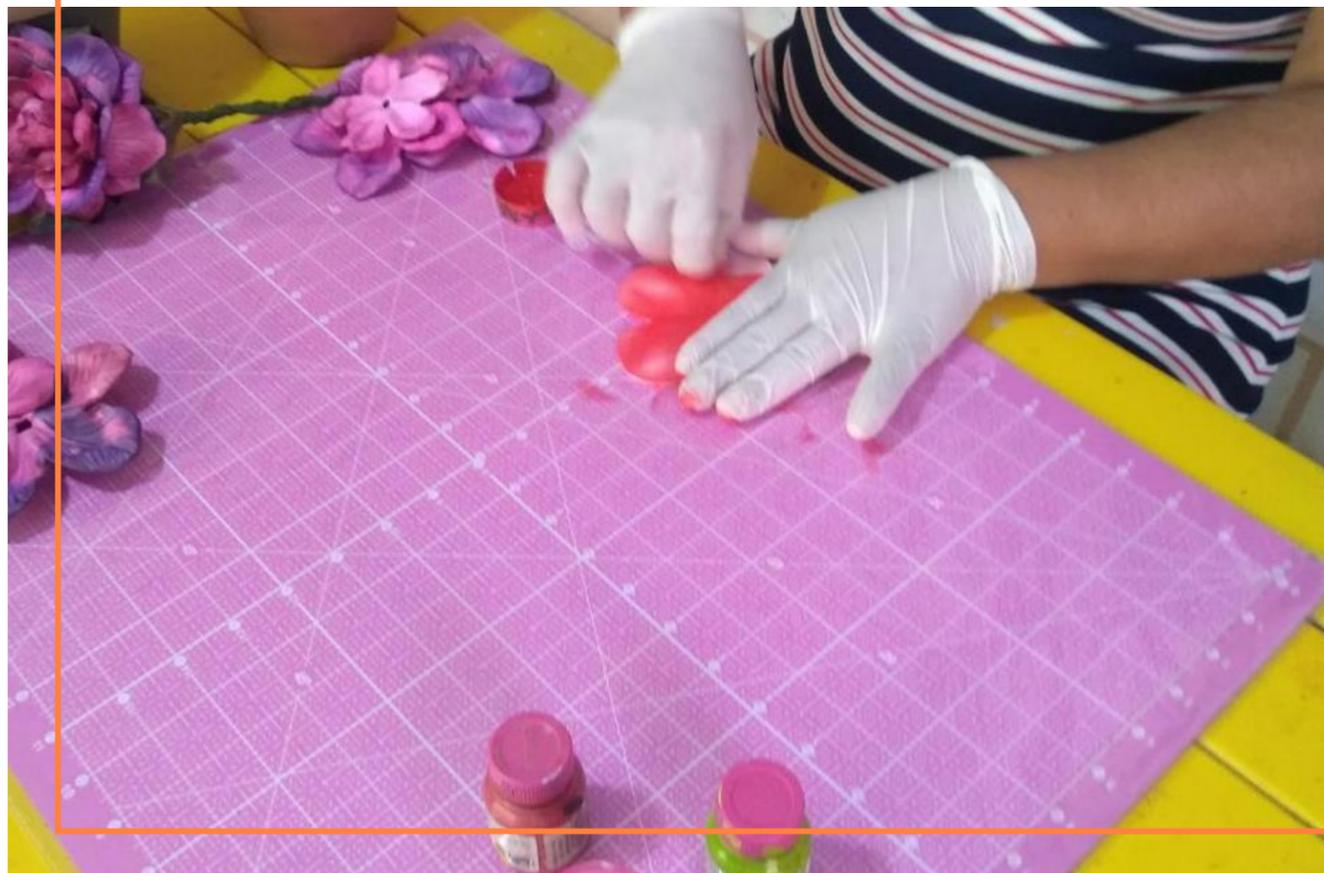
Fazer arte sempre foi mais um mecanismo de expressão que um ofício propriamente dito. Socorro Bruno expressa bem isso em nossa chamada de vídeo. Ela me fala que acabara de terminar mais um de seus trabalhos manuais, desta vez, uma máscara confeccionada para a pandemia que se agrava. A história de Socorro, é uma história de superação, de escolhas, e, principalmente, de vitórias. Determinação é a palavra que melhor ilustra a história da filha de um casal com 10 filhos, morando em um sítio em Milagres no Ceará. “Tudo era muito difícil, inclusive estudar.” A mãe, era analfabeta, mas tinha uma visão de mundo forte, e enxergava na filha as oportunidades de uma vida melhor. Socorro me conta que sempre gostou de estudar: “Lia de tudo, revistas, livros, cartilhas, o que aparecia”.

Ela manteve os estudos regulares até a terceira série: “Eram poucas crianças na região. era uma área rural, e na época o governo não dava atenção ao interior. E por isso, aos 10, 11 anos eu parei de estudar. Eu pedia a minha mãe para voltar a estudar, mas ela não tinha resposta, me pedia desculpas por que não tinha o que fazer.” Eram 5 crianças na época, que estudavam, mas apenas ela e outra colega tiveram coragem e esforço para terminar: “Completei a quarta série tempos depois num sítio próximo. Eram 4 horas diárias de traslado. Duas horas para ir, e duas para voltar.” Socorro me conta da presença da avó dela, residente em Juazeiro do Norte, que auxiliou na vinda dela para a cidade quando ela tinha 17 anos. “Minha avó achou que eu deveria vir pra Juazeiro para

terminar os meus estudos. E minha mãe apoiou a ideia: - Vá minha filha, terminar os seus estudos, vá morar com mãe, e quando você concluir você volta pra cá.” Ela chegou em Juazeiro e deu continuidade à 5ª série no Ginásio São Francisco, onde me contou, entre um riso discreto e outro, que dividia a sala com crianças de 11 e 12 anos. Persistindo nos estudos, Socorro permaneceu em Juazeiro e concluiu o 2º grau. “Não havia muitas opções de faculdade, a URCA na época ainda era Faculdade de Filosofia, e com isso eu escolhi cursar ciências biológicas, pela minha afinidade com a natureza, plantas e afins, por conta da minha infância no sítio as 18h30 estar no Crato. Era muito complicado.”



Marianne Meylla



Tempos depois, ela me conta que chegou a dar aula no Colégio Paraíso, e por outras escolas, até passar em um concurso para ser professora da rede municipal de Juazeiro em 1997, assumindo em 1998, numa carga horária de 100h. Anos depois, em 2006, ela passou em novo concurso da cidade de Juazeiro, assumindo mais 100h no ano de 2008. “Essa é a minha função atual desde então, dando aula no colégio “E a arte e o artesanato, como foi que ficou isso na minha vida? Artesanato na minha vida é algo maravilhoso. É uma sensação de liberdade, de dever cumprido, e que me realiza de uma forma que nem sei descrever.” Ela me conta um fato que ela descreve como magia: “Eu tinha uma professora de arte. Quando eu tinha 12 anos, ela nos mostrava os trabalhos de pintura em tecido, e no natal, ela reproduzia todo o presépio em barro. Aquilo tudo me fascinava.”

2 | PERFIS HÍBRIDOS

Ela pede uma pausa para falar com os familiares e se ausenta por um instante. Nesse meio tempo, pela transmissão, eu reparo o conjunto de materiais que ela já completou: Telhas decoradas, Cerâmicas milimetricamente pintadas sob encomenda, e um conjunto de folhas em EVA que me saltam os olhos. Formatos diferentes, com uma pintura que representa todas as especificidades que uma planta deve ter. Tudo isso vindo da mesma fonte. Alocadas num quatinho especial na sua casa. Retornando, ela continua a trajetória: “Ao sair da faculdade eu já estava casada e com filhos, e aí cuidei dos meus filhos e dei uma pausa na busca do magistério.”

– Mas matemática, Socorro? Com a formação em Biologia isso não seria um pulo muito grande não? – Indago.

– Não, não, (ela ri) naquele tempo a faculdade era dividida entre matemática e ciência. Eram 2 anos de matemática, com a obtenção de um certificado de licenciatura curta, e no fim do quarto ano, o certificado de licenciatura plena em ciências biológicas.



2 | PERFIS HÍBRIDOS

Ela pausa um pouco, como quem entra numa porta de volta a infância, e completa: “A forma como ela colocava as cores no tecido era simplesmente mágico.” Por sorte, essa atitude era incentivada pela mãe. Ela me conta que panos de prato viraram telas na mão dela por influência materna. “Até mesmo todas as peças de um enxoval.” Em Juazeiro, quando chegou anos atrás, ela retomou o instinto artístico através da pintura de cerâmicas, e foi categórica ao afirmar que a inspiração dela no artesanato é a criação. “o que me motiva e me fascina é o ato da criação. Poder fazer o que eu imaginar, sem limites, é o que me chama mais atenção.” Eu pergunto sobre um artista que a inspira, e no mesmo momento ela dispara: Tânia Marquato. “Desde cedo no meu trabalho eu a acompanho e até hoje a sigo, é uma professora de pintura country da Duna Ateliê, e a forma como ela pinta como um estilo mais primitivo, me chama muito a atenção.” Ela continua: “Eu invisto muito em sites, blogs, revista, e estou sempre tentando aprender técnicas novas. É um trabalho de pesquisa e modificação. Meu objetivo é que daqui a quatro ou cinco anos, quando eu me afastar da sala de aula, focar totalmente no artesanato, e quem sabe ensinar pessoas com a minha experiência de vida.”

— Mas e a pandemia? — Eu pergunto.

— Teria sido, teoricamente, uma oportunidade ímpar — Ela me diz.

A disponibilidade de tempo que se aparentava na verdade não se concretizou, ela relata. “Com a pandemia, a escola tem exigido muito acerca da atenção ao aluno, que estejamos planejando e atendendo o aluno já que nem todos eles tem acesso à internet e temos de fazer o processo educacional chegar até eles com qualidade, o que dificulta a gravação de material referente ao artesanato, como aulas e passo-a-passo.” Mas com a crise ela afirma: “É nesse momento que a gente cresce”

“
A forma como ela
colocava as cores no
tecido era
simplesmente mágico.
”

Ela pede uma pausa para falar com os familiares e se ausenta por um instante. Nesse meio tempo, pela transmissão, eu reparo o conjunto de materiais que ela já completou: Telhas decoradas, Cerâmicas milimetricamente pintadas sob encomenda, e um conjunto de folhas em EVA que me saltam os olhos. Formatos diferentes, com uma pintura que representa todas as especificidades que uma planta deve ter. Tudo isso vindo da mesma fonte. Alocadas num quatinho especial na sua casa. Retornando, ela continua a trajetória: “Ao sair da faculdade eu já estava casada e com filhos, e aí cuidei dos meus filhos e dei uma pausa na busca do magistério.”

— Mas matemática, Socorro? Com a formação em Biologia isso não seria um pulo muito grande não? — Indago.

— Não, não, (ela ri) naquele tempo a faculdade era dividida entre matemática e ciência. Eram 2 anos de matemática, com a obtenção de um certificado de licenciatura curta, e no fim do quarto ano, o certificado de licenciatura plena em ciências biológicas.

2 | PERFIS HÍBRIDOS

Sobre as redes sociais e a divulgação do trabalho, ela afirma ter alguma dificuldade para lidar e se integrar totalmente ao mundo digital, mas tem feito cursos e buscado informações, além de ser auxiliada pelos seus dois filhos. “Hoje eu possuo um Instagram onde posto regularmente os meus fazeres, e também aceito pedidos”. O perfil @koka.artesanato é recente, mas já conta com uma base de seguidores interessante, e o fluxo de pedidos tem crescido com o isolamento. Além dos tradicionais pedidos de artesanato, caixinhas, o novo item do momento é a confecção de máscaras manufaturadas para prevenção da COVID-19. “Graças a Deus tem sido uma boa saída, e eu amo fazer algo que eu gosto e poder ajudar nesse momento difícil.” Antes de nos despedirmos, eu pergunto a ela - de forma até meio batida - como ela olha para trás, para a própria trajetória e o que conquistou com tanta persistência, coragem e arte. Ela abre um sorriso e me responde:

– Me sinto vitoriosa, saída de um sítio, lutei para completar meus estudos. Conte com muita ajuda na minha trajetória, pude trabalhar com pessoas maravilhosas, e hoje sou professora, artesã e artista. Podendo ajudar outros a se motivarem de forma mais práticas e a vencer barreiras. Assim como eu fiz.





RESIDÊNCIA

Quartos São Paulo 18
Rochelle Costi 24

Quartos- São Paulo nº 11 Rochelle Costi

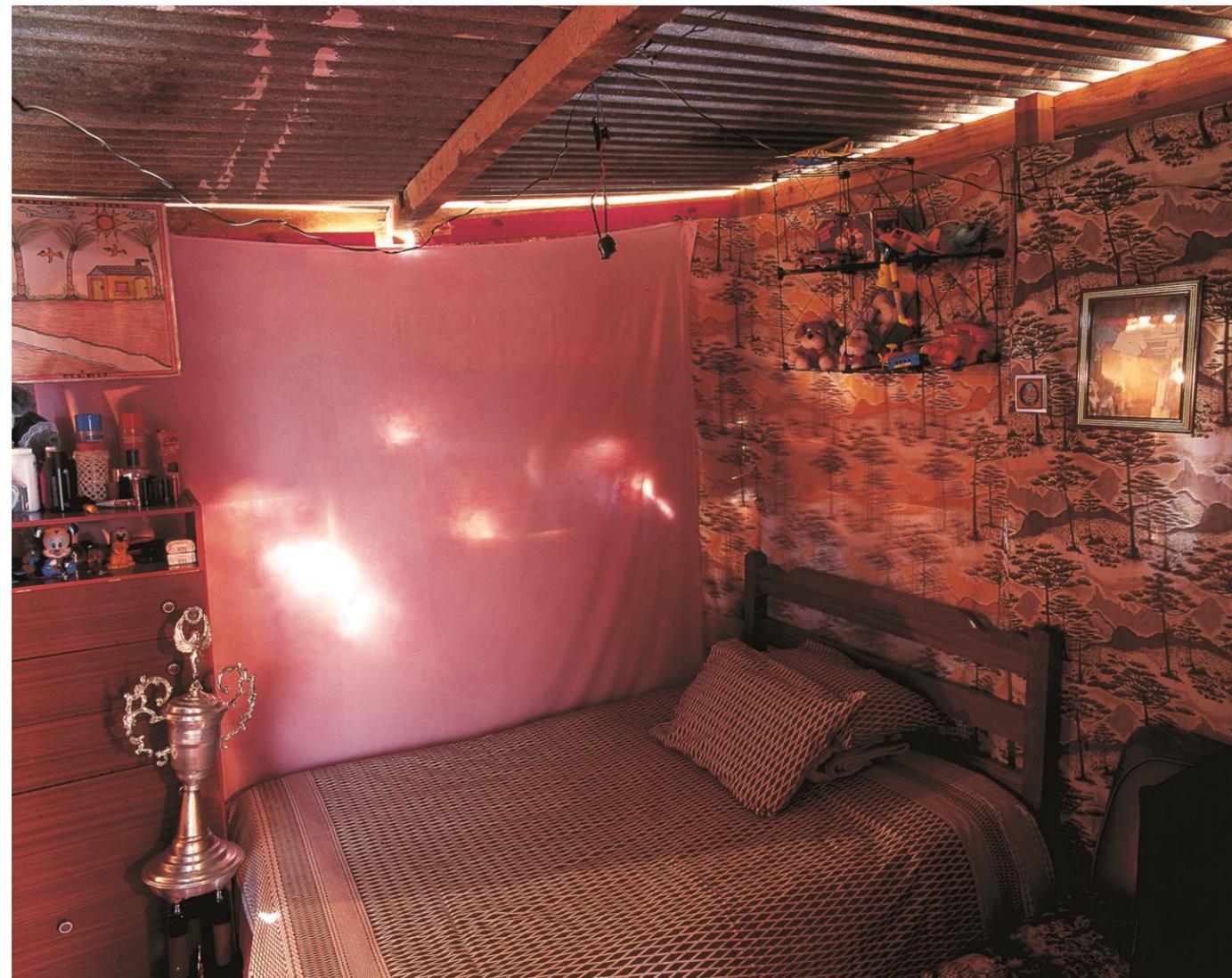


Quartos- São Paulo nº 01 Rochelle Costi 1998



Quartos- São Paulo nº 02 Rochelle Costi

Quartos- São Paulo nº 04 Rochelle Costi



BALDIO - RESIDÊNCIA



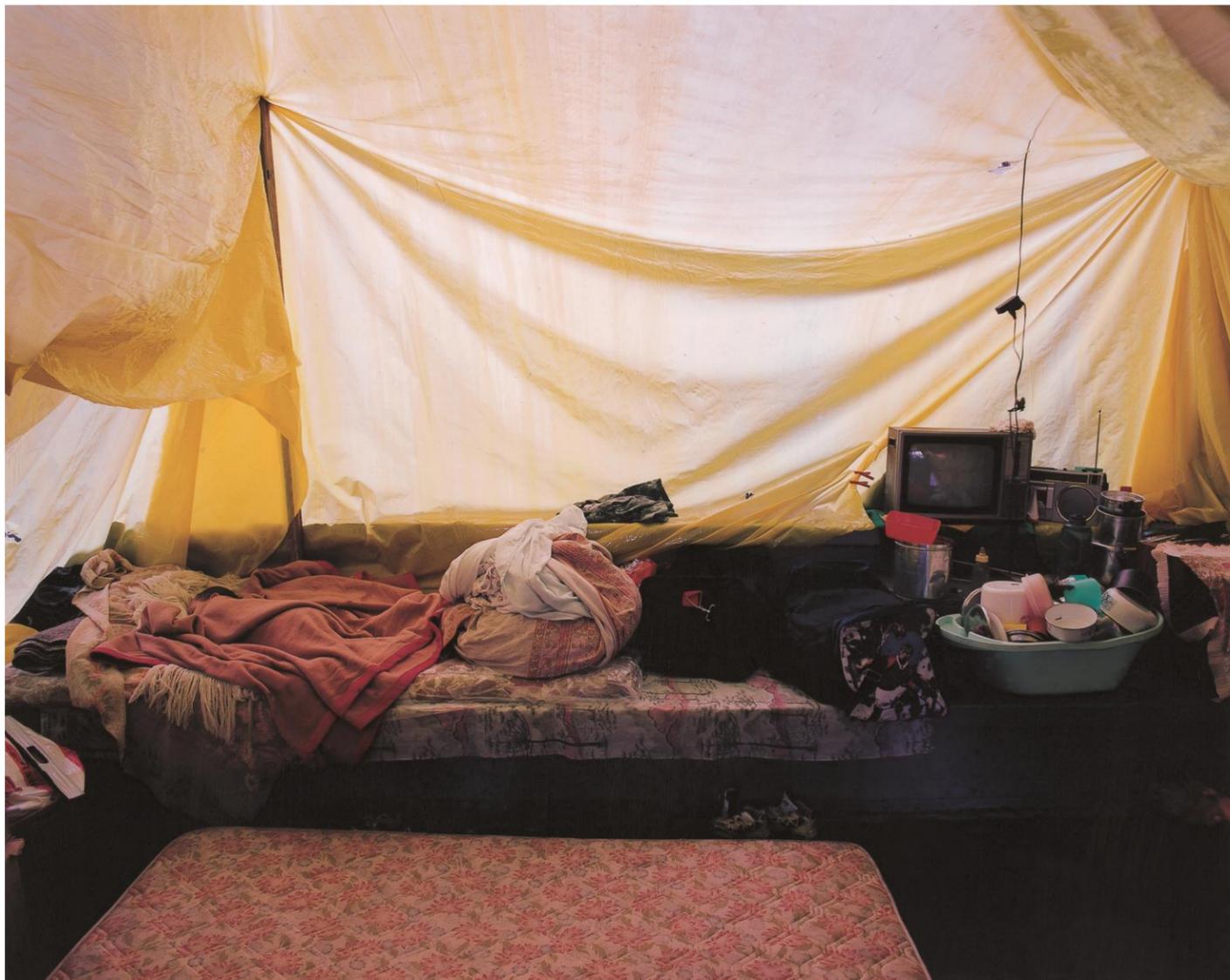


Quartos- São Paulo nº 05 Rochelle Costi

Quartos- São Paulo nº 06 Rochelle Costi 1998



Quartos- São Paulo nº 08 Rochelle Costi 1998



Quartos- São Paulo nº 12 Rochelle Costi 1998



Quartos- São Paulo nº 16 Rochelle Costi

Quartos- São Paulo nº 14 Rochelle Costi



BALDIO- RESIDÊNCIA

3 | RESIDÊNCIA

Rochelle Costi



Quarto - São Paulo XIV Bienal de São Paulo Rochelle Costi



Rochelle Costi Quartos- São Paulo Instalação (2) XXIV Bienal de SP



Quartos - São Paulo nº13 Rochelle Costi 1998

POR GILLES DINIZ

Rochelle Costi é caixiense, residente em São Paulo, e tem um vasto trabalho que conversa com diversas expressões, tendo produzido exposições e instalações com fotografias e vídeos que confrontam proporções e escalas, cores e texturas, universais e particulares. No ensaio apresentado nesta edição da Baldio de Quarentena, temos o ensaio intitulado *Quartos – São Paulo* (1998) que, apesar de capturado há mais de vinte anos, apresenta-nos uma relação atemporal com estes tempos de isolamento. Em *Quartos – São Paulo*, temos fotos que nos revelam o que há de mais íntimo em nossas casas, permitindo que imaginemos tantas narrativas que por ali passeiam e as mais diversas personalidades que preenchem estes espaços.

“Ao observar, por exemplo, a maneira como o cidadão se relaciona com o espaço, as cores e as texturas que escolhe para conviver, de que forma ele ilumina seu cotidiano, quais os objetos que ele conserva de seu passado, vem à tona dados antropológicos de fundamental importância para a compreensão do ser urbano que esconde na intimidade do ambiente doméstico os segredos maiores de sua existência.”, afirma Rochelle Costi.

Outros trabalhos da artista em rochellecosti.com



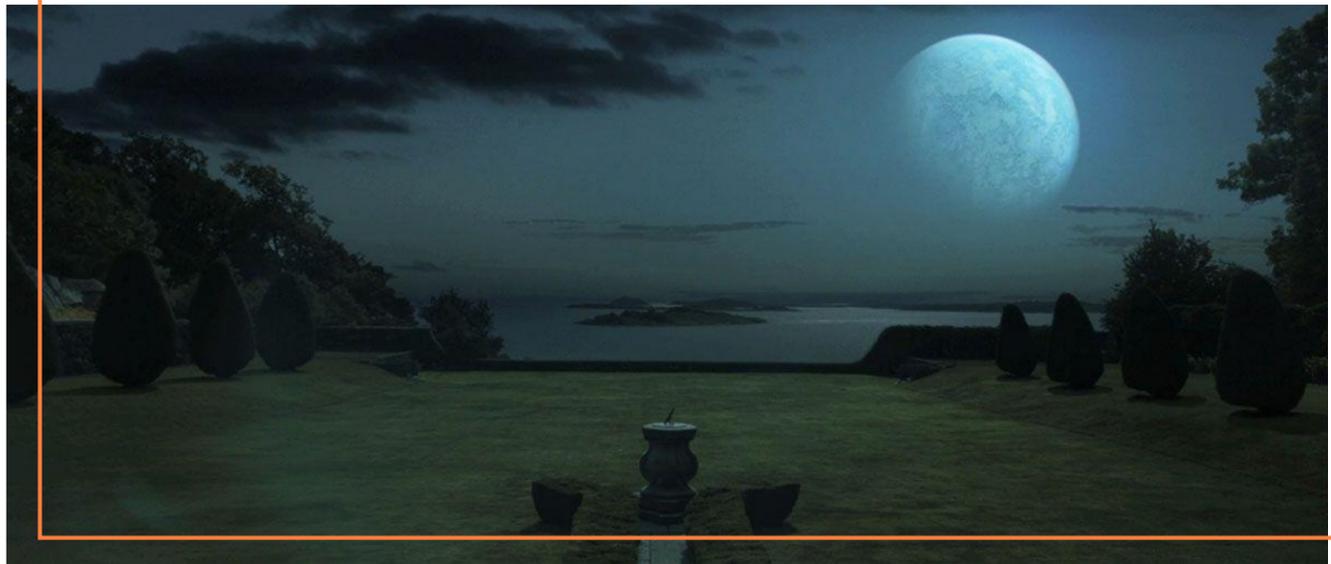
BABILÔNIA

Casa Vazia 26
Casa de Família 27
Casa Cheia 28

4 CASA VAZIA

GILLES DINIZ

Frame do filme *Melancholia* (2011), do Lars Von Trier



O início da década tem sido agitado (num eufemismo quase irônico) e se a *overture* apresentou-nos uma conturbada crise na política, nas artes e no modo de pensar, caminhamos para algo que antecede um ainda nebuloso quinto ato que eclode com um vírus violento a atingir todos os continentes e sitiar todas as nações.

A COVID-19, transmitida pelo corona vírus, não entra em cena como apenas um pérfido vilão (a natureza opera de forma tão singular que assim não poderia sê-lo), mas como uma deixa errada que poderá comprometer todo o espetáculo. E os atores, como numa

sequência inevitável de atos fora do *timing* a ser seguido, tornam o epílogo mais incerto e difícil de enxergar para si mesmos. E de repente todas as deixas estão comprometidas em efeito dominó. À saber, os atores não terão sequer tempo de recomeçar, tampouco podem parar a sequência de cenas revendo aonde podem restaurar o tempo correto das falas a serem executadas. O vírus letal lança no cenário velho e empoeirado do mundo um verdadeiro vórtice de crises nos epicentros em que se instala, e então teve a humanidade que se reorganizar como que para evitar um epílogo mais trágico.

Assim, transgressora e transmutável, se reinventa a arte, nas técnicas de improvisado que ela mesmo aprendeu em duros ensaios a dominar. Nem tudo é leveza quando se fala do grande espetáculo do mundo. E é preciso estar atento e forte para o que virá a seguir. Essa sensação *mezzo* apocalíptica *mezzo* ensaio sobre a cegueira (não a dos olhos, mas a do intelecto) foi bem desenhada por Lars von Trier, porém, sob outro tipo de ameaça. Em *Melancholia* (*Melancholia*, 2011), um planeta está em rota de colisão contra o planeta Terra, e as notícias pouco elucidativas parecem guiar todos a tal estado psíquico que o quinto ato está estampado no *libreto* entregue ao público, ele está ciente do porvir, mas não preparado.

Justine, personagem de Kirsten Dunst, carrega o nome em referência à desafortunada personagem da obra do Marquês de Sade, mas em *Melancholia* as suas desventuras não são apenas físicas, atingindo patamar mais profundo do que se entende por psiquê, provocando verdadeira queda ou fragmentação em todos ao redor, involuntariamente. Justine parece descontrolada e lunática (termo que, inclusive, carrega influência dos astros) e é

como se sentisse a magnitude antes mesmo da colisão. Os números e cálculos feitos pelo seu cunhado, dono da casa em que está hospedada em virtude de seu casamento, embora pareçam precisos, se revelam falhos e inconstantes. Seu stress se inicia quando da recepção, a atenção a ser dada aos convidados, seguida da musicalidade wagneriana, nada é mais incerto senão a certeza de um trágico (e já anunciado) fim.

Porém, a genialidade de Lars von Trier esteve em notar e apontar o que seria o ‘improvisado’ de uma peça teatral fora dos trilhos: a arte ali predomina como renitente símbolo de constante reinvenção. Aqui, não serão os fortes que sobreviverão, mas sim aqueles que, ao ver a aproximação da colisão, resignificam (não para um aceite de derrota) o próprio olhar e a sua tão frágil existência.

4 CASA DE FAMÍLIA

GILLES DINIZ

Frame do filme Assunto de Família(2019), do Hirokazu Koreeda



É dentro desta realidade de confinamento que reduzimos o mundo a nossa volta e passamos a olhar mais para dentro. A diminuição da realidade espacial fez de nossa casa nossa cidade e de nossa própria família e amigos nossa comunidade. Todas as interações agora se voltam para o interior da casa e o tempo com a família agora é maior. E é sobre família que o cineasta japonês Hirokazu Kore-eda tem muito a nos dizer.

Ao ver a filmografia do diretor, podemos encontrar em seus filmes

anteriores maneiras simples de dialogar sobre os núcleos familiares e como podem nascer os vínculos afetivos onde menos acreditamos ser possível. Seja através de uma adolescente buscando aceitação das irmãs mais velhas como membro da família, como em *Umimachi Diary* (Nossa Irmã Mais Nova, 2015), pela relação conturbada de um filho tentando reconquistar o reconhecimento e afeto de um pai, em *Arutemo* (Seguindo em Frente, 2008), ou através da história de uma mãe

ausente que cria quatro filhos meios-irmãos ilegalmente, como em *Dare Mo Shiranai* (Ninguém Pode Saber, 2004). Tendo sido estes trabalhos recebidos com boa aceitação de crítica e premiações reconhecidas mesmo fora do Japão. Mas, além disso, as histórias contadas por Hirokazu Kore-eda representam um olhar único e delicado acerca das relações no seio familiar.

Foi em 2018, que Kore-eda apresentou o talvez mais primoroso trabalho de sua carreira, com estreia no Festival de Cannes, intitulado *Manbiki Kazoku* (Assunto de Família, 2018). Nesta história irreverente, conhecemos um pequeno grupo de pessoas que se aproximaram por vínculos afetivos (ou interesses individuais) reunidos numa pequena casa tentando sobreviver como podem, cometendo, principalmente, pequenos furtos ou extorsões para se manterem. Assim como nos outros filmes, em *Assunto de Família* somos questionados sobre o real significado de uma família e como pode esta ser construída das mais diversas maneiras. Nele, vemos momentos de intimidade e trocas de afeto num arremedo de casa, feito de tábuas, falhas e rachaduras (e levamo-nos a questionar: e não seria isso também o que define uma família?) mas que abriga a todos de maneira sentimental e aconchegante. Entre diálogos que dizem o mais simples para

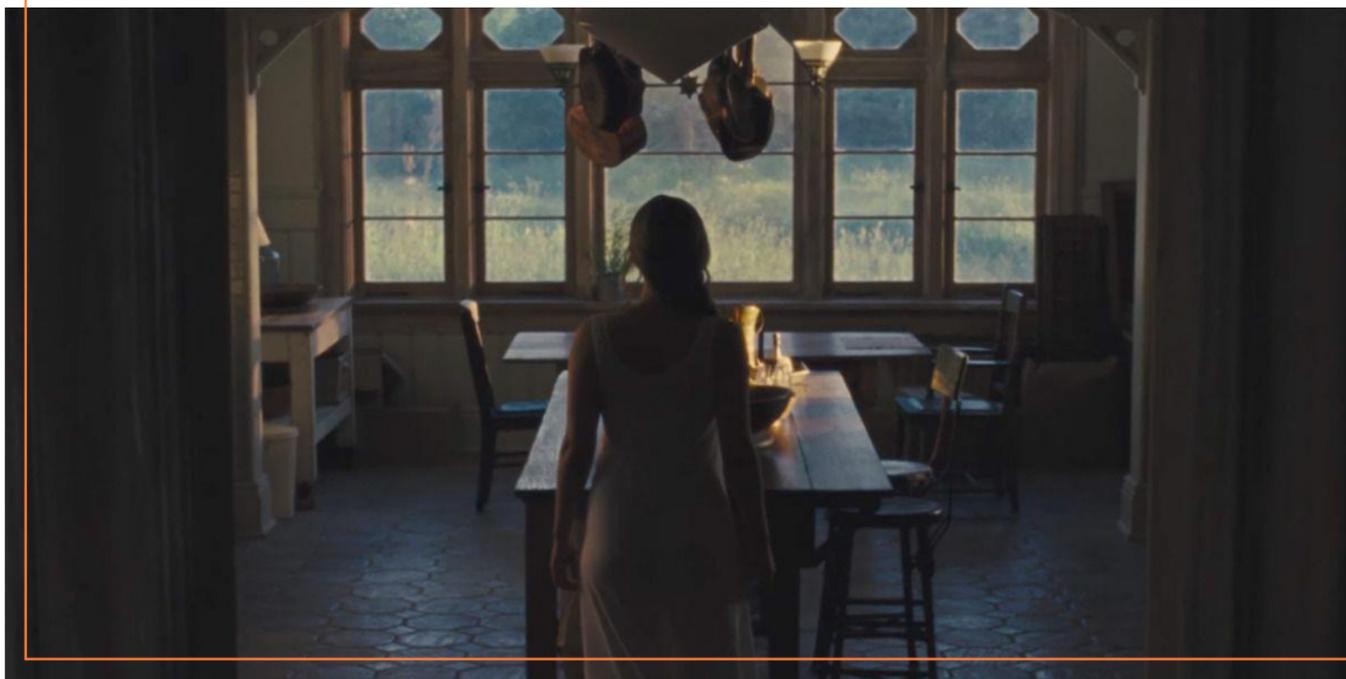
referir-se ao mais grandioso, temos numa cena a personagem que figura a mãe, Nobuyo, que está a banhar a sua filha, Yuri (uma criança abandonada e encontrada por Nobuyo), e que, pela primeira vez é chamada de “mãe”.

É através de imagens e diálogos simples que desenhamos o enredo cheio de afeto, cadência e sentimento de *Assunto de Família*, o que nos faz pensar ser esta uma grande homenagem ao cinema japonês do século passado de Yasujiro Ozu, a debater diversas questões através das conversas familiares e mostrando a menor célula social como forma de entender o mundo.

4 CASA CHEIA

GILLES DINIZ

Frame do filme Mãe! (2017), do Darren Aronofsky



Finalmente, depois de isolados à espera do fim (na melhor das acepções do termo) e em meio aos que podemos nos abrigar (para aqueles que estão com as suas famílias), o mundo e as famílias temem a dissolução não por uma colisão com um novo planeta, mas pela múltipla falência do mesmo sem ao menos direito à vaga em um leito hospitalar. Isso porque a COVID-19, apesar de menos violenta (segundo pesquisas e estudos apresentados) do que vírus anteriores, como o da gripe

espanhola ou o ebola, ganha em atacar os sistemas de saúde dos países infectados devido à estrangulação das unidades de tratamento intensivo. Sendo assim, a recomendação mais defendida é a de ficar em casa (e aqui temos outra discussão mais profunda sobre o privilégio de poder ficar em casa).

O caos, como na mitologia grega, é disforme, ilimitado e indefinido, procedendo a partir de si todos os seres e realidades do universo. Não muito distante desta concepção, e tocando em outras para o termo, 'caótico' poderia ser usado para nomear o atual estado em que se encontra o mundo desde a disseminação desenfreada do vírus. E é mais ou menos essa a sensação que sente a personagem da atriz Jennifer Lawrence em *Mother!* (Mãe!, 2017), do diretor Darren Aronofsky, quando dois desconhecidos pedem abrigo em sua casa, até então lugar agradável e silencioso, bucólico, onde vive apenas ela e o marido. Não demora muito para entender que aquela presença se torna, no mínimo, incômoda e que o clima no recinto pesa ("entra, mas não fica à vontade porque eu não tô", citando a música de Letrux). E o *crescendo* é tamanho que, de um desconforto, somos guiados a uma perturbação mental semelhante à de Justine em Lars von Trier; os desconhecidos em busca de abrigo são agora estranhos devidamente instalados e uma sequência caótica e destrutiva, sem fôlegos, se inicia na casa.

Alegoricamente, temos, na própria natureza, situação semelhante à do enredo: constantes invasões e interferências que têm promovido em larga escala a perturbação de um sistema de ordem complexa. Em *Mãe!*, nos compadecemos com o estranhamento da protagonista porque ainda é difícil admitir que fomos/somos invasores em muitos outros momentos e que o preço das sucessivas intervenções na natureza pode estar além do que somos capazes de arcar. E este debate está, inclusive, para além das questões ambientais somente (estando, ainda assim, correlacionado com as mesmas), tangenciando a esfera das

relações sócio-políticas também. A atitude opressora de muitos governos, a falta de noção de comunidade por parte de muitos indivíduos, o descuido e o negacionismo são fatores que golpeiam qualquer sistema de saúde em cheio.

Paralelo semelhante, em se falando de família, noção de mundo e destruição dos mesmos, pode ser feito ao filme *The Witch* (A Bruxa, 2015), onde temos o fanatismo religioso e a corrupção gradual da família por um suposto mal invisível, mas que está dentro de casa. Fanatismo esse, que em *Mãe!*, em meio a uma sequência cuja casa é feita de campo de batalha e de imolação, tem-se um bebê sacrificado para alimentar uma multidão sedenta que tomou conta do espaço, uma aglomeração absurda dentro das proporções de uma residência. Invasão, superlotação, destruição, fanatismo, violência, descontrole, indiferença. Então agora temos uma concepção mais apropriada para 'caos'.

Por fim, antes do fechar definitivo das cortinas, um último ato parece sugerir uma saída ante ao caos, para as duas situações mencionadas anteriormente: ressignificar. Tanto para Justine, em *Melancholia*, quanto para a pequena família japonesa, em *Assunto de Família*, repensar, rever, reaprender, reorganizar, ressignificar a realidade é vital. Desfecho diverso, porém, apresenta-se em *Mãe!* (aqui, como um contraponto), quando pode ser tarde demais para tomar as medidas essenciais à vida, podendo o organismo vivo planeta Terra não suportar por mais tanto tempo.

Textos

Yago Pontes

Gilles Diniz

Theresa Feitosa

Ricardo Salmito

Diagramação e Projeto Gráfico

Andressa Martins

Professor Orientador

Ricardo Salmito



artes híbridas



PROCULT
Pró-Reitoria de Cultura